

---

## DA ARTE DE ILUMINAR EM REDE: uma narrativa sobre coisas que a gente aprende com uma amiga sobre pesquisa e sobre nós mesmos

*Mailsa Carla Pinto Passos<sup>(\*)</sup>*

[...] o intelectual, [...] não é nem um pacificador nem um criador de consensos, mas alguém que empenha todo o seu ser no senso crítico, na recusa em aceitar fórmulas fáceis ou clichês prontos, ou confirmações afáveis, sempre tão conciliadoras sobre o que os poderosos ou convencionais tem a dizer e sobre o que fazem. Não apenas relutando de modo passivo, mas desejando dizer isso em público.

*Edward Said*

Este texto consiste em alguns escritos de memória, dois ou três “causos” que falam sobre uma amizade, ou de coisas que aprendemos com uma amiga. Agradeço a oportunidade que o convite de fazê-lo me proporcionou, que significou poder sistematizar um pouco de minha trajetória, pois narrar Nilda Alves e voltar às coisas que tenho aprendido com ela, àquilo que temos discutido e conversado obriga a uma reflexão de boa parte de minha própria história como pesquisadora no campo da educação.

Peço ao leitor porém, que não acredite nestes escritos mais do que eles merecem. São passagens que contadas por outra pessoa, em outro momento, poderiam ser outra coisa. Como aliás sempre acontece quando falamos de coisas nas quais acreditamos e de pessoas que gostamos.

Narro aqui a figura de uma intelectual, e por isso a epígrafe de Said. Uma intelectual cujo compromisso – no trabalho que realiza no campo das ciências humanas e sociais, mais especificamente no campo da educação e nos estudos do currículo – com aquele/aquela que “não tem representação”, já se enuncia na escolha do grupo social com que dialoga e junto ao qual produz conhecimento: o praticante, sujeito comum do cotidiano, o invisibilizado, aquele sem importância.

---

<sup>(\*)</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Proped/Uerj; graduada em letras pela UFRJ; mestre em educação pela Uerj; doutora em educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; pesquisadora do Laboratório Educação e Imagem da Faculdade de Educação da Uerj.

---

Para tanto, sua opção foi assumir um procedimento metodológico: “o sentimento do mundo”, na intenção de fazer uma ciência que colocasse em xeque os modos aprendidos e legitimados pela ciência moderna (ALVES, 2001).

A trajetória de um trabalho no cotidiano precisa ir além do que foi aprendido com essas virtualidades da modernidade, na qual o *sentido da visão* foi exaltado (“ver para crer”; “é preciso uma certa perspectiva” etc.). É preciso executar um *mergulho com todos os sentidos* no que desejo estudar. Pedindo licença ao poeta Drummond tenho chamado esse movimento de o *sentimento do mundo*. (p. 15).

Essa seria assim a forma desta intelectual experimentar criticamente o mundo, preferindo criticar e questionar a forma hegemônica de formular a crítica, optando pelo risco de dialogar com o “homem comum” e suas práticas, e acreditar naquilo que ele lhe diz, ao invés de reduzi-lo ao lugar “daquele que não sabe”, daquele para quem teria sido determinada a “cova comum” do senso comum.

E é assim que Nilda Alves tem nos ensinado sobre a importância de realizar um “mergulho no cotidiano” e de se “literaturizar a ciência”, já que a vida, além de ser vivida tem que ser narrada. Este procedimento metodológico, é forma não somente de expressar/registrar mas de sentir o conhecimento e de estabelecer um diálogo com seus interlocutores. Essa maneira de fazer ciência tem sido incansável e vigorosamente divulgada por ela em suas palestras, publicações, aulas, seminários de pesquisa numa permanente militância pelas coisas nas quais acredita.

Em minha formação como pesquisadora essa sua militância foi muito eficiente. O desafio de *literaturizar a ciência* por exemplo tornou-se um princípio, uma questão ética, uma necessidade, que veio a adequar-se perfeitamente ao meu amor incondicional à narrativa literária, esteja ela escrita, seja ela cantada, dramatizada ou vivida. Eu poderia dizer que hoje – depois de Nilda – tenho muitos usos agregados à literatura no trabalho que realizo, que vão desde o lugar de teoria social, até o modo de dialogar com meus estudantes, meus leitores, meus colegas, enfim meus interlocutores. Muita coisa que aprendi em relação ao “*fazerpensar*” ciência foi nas conversas com ela.

Entretanto, para falar de Nilda Alves no campo da produção de ciência é preciso narrá-la também em um outro *espaçotempo* – naquele das lutas políticas. Não é possível separar a militante da pesquisadora.

---

## DIGA-ME QUEM ÉS E COM QUEM ANDAS: A ASSEMBLEIA

É o ano de 2012 e estamos vivendo na universidade, mais uma vez, um momento delicado. Encontramo-nos com uma greve da categoria dos professores em processo: no contexto, que alguns já devem ter experimentado, no qual as reivindicações salariais somam-se a tantas outras, direitos óbvios, mas que dificilmente são alcançados sem luta. Neste momento, em especial, os ânimos parecem bastante acirrados em função de alguns detalhes sobre os quais não é o caso discorrer aqui – um momento do embate político ao qual nunca desejamos chegar mas do qual às vezes é impossível fugir. A assembleia dos professores está lotada como há muito não temos visto e é então que ela inscreve-se para falar.

Os últimos dias têm sido cansativos: os jovens colegas da diretoria da nossa associação docente tiveram questões sérias para resolver em um momento crucial do movimento – questões jurídicas, principalmente, mas que teriam demandado a consulta de alguns documentos, levantamento de outros tantos, ações enfim que exigiram que pedissem socorro à colega, cuja vasta experiência neste mesmo lugar que eles ocupam hoje a torna uma referência para os jovens professores que compõem a diretoria da associação.

A mesa lhe concede a fala e apesar de ela estar vindo de uma sucessão de dias cansativos, quando assume o microfone, é impressionante a vitalidade. Durante os três minutos em que lhe é dada a palavra, dirige-se tanto à plenária quanto à mesa, como que aconselhando os professores que a compõem. Ela converte-se em exemplo de algo que muitos de nós aprendemos todos os dias com ela: uma instância fundamental na formação do educador e da qual não se pode abrir mão é a formação política (ALVES, 2001).

Sua história de compromisso com os movimentos sociais não é novidade, tampouco a certeza de que ela jamais se furta à palavra. Foi com ela que aprendi, antes de ler em Fanon, que existimos quando nos fazemos ouvir, que “falar é existir absolutamente para o outro”. (FANON, 2008, p. 33). Foi Nilda que um dia me disse em uma situação em que juntas apresentávamos um trabalho: “se você não fala, sua opinião não existe, e nem você”. Eu, tímida e muito respeitosa em relação às opiniões dela, fiquei pensando no que ouvira. Assumir a voz, existência simbólica, em um lugar onde o *logos* faz parte inalienável do ofício não foi fácil. Embora hoje eu viva repetindo a mesma frase para meus estudantes e orientandos, permito-me aqui confessar: fui aprendendo a “existir” com o tempo, com o cotidiano.

Enfim, talvez essa crença no poder da enunciação, ou melhor, a crença no diálogo como fenômeno imprescindível para que os sujeitos existam – um amor incondicional ao debate – possa

---

ser o motivo da transformação, que ocorre com ela quando está à frente de uma assembleia. Sua potência à frente de um grupo de colegas produz também leveza, já que é sempre um contar de história, o ato de promover o interlocutor a parceiro, afinal falar é existir para o outro e implicar-se com ele.

Neste dia em especial, era como se tivesse muitos anos menos, ou melhor, é como se o tempo não tivesse nenhuma importância. Como se somente existisse o tempo da experiência. Diferentemente do tempo que é *cronos*, mensurável, mensurado e finito, engolidor de felicidades, seu tempo é *kairos*, do alimento da alma, da paixão, o tempo significativo da experiência. É o tempo no qual a narrativa se enriquece da experiência, enriquecendo a experiência, como nos apontou Benjamin (1994). É sobre esta experiência que todos e todas queremos ouvir dela e do que ela nunca nos furta; para Nilda é impossível não compartilhá-la.

Como já afirmei que a memória é também um ir e vir do tempo, que desarruma o próprio tempo e o reorganiza, colocando passado e presente inusitadamente enredados em um mesmo contexto, essa imagem da colega que brilha à frente da assembleia lotada de professores e professoras me remete a um outro momento, anterior.

### **O QUE SE QUER DIZER COM O/ DO “POVO NEGRO”: A INVERSÃO COTIDIANISTA**

A ocasião me remete a 2004, na cidade de Caxambu – Minas Gerais – no mês de outubro. O contexto é a 27ª Reunião da Anped – Associação Nacional da Pós-graduação em Educação. Estamos em uma atividade do evento, organizada pelas professoras Iolanda de Oliveira – Coordenadora do GT 21, recém-criado pela Associação, chamado naquele momento de “Afro-brasileiros e Educação”<sup>1</sup> – e a professora Petronilha Beatriz Gonçalves Silva, ambas combativas representantes da luta por uma educação antirracista.

Nilda, emocionada, falou acaloradamente da importância daquele GT para a Anped e da urgência de que a produção de pesquisas que discutissem as questões relativas às populações negras brasileiras e a educação tivessem finalmente um lugar nos grupos de trabalho da associação. Sua gestão à frente da presidência da Anped terminara no ano anterior e ela teria dado grande apoio para que o novo GT saísse da condição de GE.

---

<sup>1</sup> Um Grupo de Estudo (GE) da Anped (Associação Brasileira de Pós-graduação em Educação) se forma a partir de uma demanda dos pesquisadores da área e referendada pela assembleia, funcionando assim pelo período de dois anos. Depois deste período, se o GE mantém uma quantidade de trabalhos submetidos que o qualifique como um Grupo de Trabalho (GT), ele passa a essa segunda categoria.

---

Seu interesse pela questão racial entretanto já tomava corpo no âmbito das pesquisas que realizava. Já havia trabalhos de orientandos seus em torno das práticas de sujeitos afro-brasileiros. Em nossa universidade, a Uerj, desde 2003 havia sido implantado o sistema de ingresso de estudantes através das cotas raciais. Na Faculdade de Educação, Nilda sempre foi uma militante por esta causa, não só manifestando seu apoio a essa implantação, como também trabalhando para a implementação dessa política de ação afirmativa.

Foi com ela que discuti pela primeira vez uma forma de abordar a questão do ingresso dos estudantes afro-brasileiros na Uerj – o que inclusive pautou meu estágio pós-doutoral – que veio a transformar-se em um princípio nas pesquisas que desenvolvo hoje. Nilda afirmava naquele momento que mais do saber o que a universidade tem a “ensinar” a esses grupos que iriam agora povoar seus corredores e salas de aula, caberia perguntarmo-nos o que eles têm a “ensinar” à universidade.

Se repararem, verão que está colocada aqui uma inversão que considero maravilhosa da relação da universidade com o conhecimento que só uma cotidianista como ela poderia fazer: não seria propriamente o caso do jovem afro-brasileiro entrar na universidade para aprender o que o universo acadêmico tem a oferecer a ele, mas sim interferir no tipo de conhecimento que se produz dentro da universidade pública com aquilo que ele conhece, com o que vive, com aquilo que ele é, com suas culturas, suas redes de conhecimento. Além disso, a questão não se resume a inventar as cotas na Uerj, como algumas vozes discordantes afirmavam. As cotas sempre existiram na universidade pública, só que para a as elites. Aquele seria o momento de garantir as cotas não só para essas elites, mas dividi-las com esta outra parte da população.

Observa-se aqui uma elaboração da pesquisadora em relação a essa questão que sinaliza sua atenção com as “inversões discretas”, porém fundamentais, realizadas pelo consumo (CERTEAU,1994), com a apropriação dos espaços, pela desobediência de uma ordem vigente. Quando este “uso” se estabelece vem a acontecer uma inexorável subversão das relações. O poder do “fraco” pelo “consumo”, produzindo/criando silenciosamente no espaço habitado por este praticante que antes não estava ali, e que chega oportunamente com suas “práticas transformadoras”. Este ponto de vista guarda uma compreensão do “mais fraco” como também um sujeito de poder. Como em Certeau (1994), para quem

as táticas do consumo, engenhosidades do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas [...]. Produtores desconhecidos, os consumidores produzem [...]. No espaço tecnocraticamente

---

construído, escrito e funcionalizado onde circula, suas trajetórias formam frases imprevisíveis... (p. 45)

Para trabalhar com Nilda Alves cheguei à Uerj em 2005, para fazer meu estágio pós-doutoral sob a sua orientação, em um projeto cujo nome era “As redes de conhecimento nas práticas culturais de sujeitos afrodescendentes: imagens, sons e práticas educativas”, projeto que mais tarde foi assumido pela professora Stela Guedes Caputo, que me substituiu depois que entrei para os quadros da Uerj como professora adjunta.

Fato é que, tanto esta inversão necessária no pensamento, para a compreensão das relações no cotidiano, como a aproximação destes estudos com a produção do conhecimento sobre as culturas afro-brasileiras efetivaram-se para mim trabalhando com Nilda Alves. Foi naquele momento que em meu trabalho o *link*, o diálogo necessário entre a compreensão do cotidiano como está em Michel de Certeau: espaço de criação e de invenção, para além dos discursos de vitimização foram fazendo sentido nos estudos daquelas culturas produzidas como invisíveis e/ou subalternizadas.

Compreendi, que os muros da escola são na verdade pontes, quando se discute cultura – ou melhor, são redes – e que no caso do “povo negro”, como Nilda gosta de falar referindo a estes grupos, as “pontes” das práticas são empoderadoras, já que ao (re)inventá-las os praticantes também se (re)inventam.

Compreendi que não é necessário sair do lugar onde estamos para dialogar com as práticas e com os praticantes, já que eles estão ali, nos cotidianos, dividindo conosco os *espaçostempos* da ciência, da vida e da arte.

Aprendi aquilo sobre o que nos ensina Bakhtin: como a arte, a vida e a ciência, três campos da cultura humana “só adquirem unidade no indivíduo que às incorpora na sua unidade” (BAKHTIN, 2003). Esta atitude responsiva em relação ao conhecimento está manifesta nesta mesma opção teórica pelo trabalho com os cotidianos. Sim, porque ali estaria o conhecimento produzido em diálogo com o “homem comum”. O praticante, que apesar dos inúmeros e recorrentes discursos que pretendem nos convencer de sua vitimização e que referendam o preconceito em relação a suas práticas, suas formas de saber, ele cria.

Nas palavras do próprio Certeau (1994), as malhas quase que invisíveis do consumo se apresentam como “uma produção de tipo totalmente diverso [...] que tem como característica suas astúcias, seu esfarelamento em conformidade com as ocasiões, suas ‘piratarías’, sua

---

clandestinidade”, já que é no campo do “outro”, e não do próprio que as ações se realizam. (CERTEAU, 1994, p. 94).

*Espaçotempo* este no qual só as narrativas não bastam, não são suficientemente “confiáveis”: há de se conhecer e compreender os usos que estão articulados a elas, “[...] o repertório com o qual os usuários procedem a operações próprias”. (CERTEAU, 1994, p. 93).

### **OS LAÇOS E ALIANÇAS QUE SE ESTABELECEM NAS PRÁTICAS COTIDIANAS**

Gilroy (2001, p. 81) nos lembra que a experiência na diáspora é sempre uma dinâmica de invenção/reinvenção de práticas e discursos que criem/reforcem laços e alianças. Atenta a esta ideia, tenho então percorrido nas pesquisas que realizo o caminho para compreender algumas práticas e alguns processos identitários nos quais emirjam esses laços e alianças. Entendo que os sujeitos diaspóricos produzem conhecimentos e discursos numa busca constante de identificação e que através das práticas divulgam, implicam e arregimentam outros sujeitos. Nesses processos, assumem-se identidades – imbricadas/articuladas/somadas à identidade negra – que misturam múltiplas maneiras de pertencimento.

Nos ambientes urbanos, contemporaneamente, essas negociações potencializam-se, realizando aquilo a que Bakhtin (2003) chamaria de uma *polifonia*. Um espaço-tempo que é polifônico e também inconcluso, não acabado, dinâmico, assim como o são as práticas e as identidades – multifacetadas, dinâmicas, plurais. Creio que a experiência nos cotidianos seja esta experiência polifônica, inconclusa e potente.

O trabalho que realizo e que tem sido tecido no diálogo com o dos estudos do cotidiano discute a diáspora negra menos sob o aspecto das inúmeras formas de opressão, abuso, silenciamento e coisificação de que estes grupos foram vítimas e mais na compreensão de como estes praticantes comunicaram/comunicam e produzem cultura apesar de tudo isso. Como grupos inteiros historicamente silenciados mantiveram-se como presença efetiva na sociedade brasileira embora as práticas e discursos hegemônicos justamente no contrário, para que desaparecessem?

Como, apesar do aviltamento da escravidão, do silenciamento torpe, das muitas formas de violência, de todos os tipos de opressão os povos africanos dispersos cantaram/cantam, manifestaram/manifestam sua fé, produziram/produzem literatura, tendo criado um sistema de comunicação que formam comunidades transnacionais poderosamente férteis?

---

Fixar-se no povo negro dos tumbeiros pode ser importante para um determinado tipo de conhecimento, mas não nos ajuda nessas respostas. Se mesmo nessas condições históricas foi possível criar, dançar, crer, isso se deu com as práticas cotidianas, nos processos de apropriação e de identificação na cultura. São as ações miúdas, mas transformadoras, de “uso/consumo” cotidiano que podem responder a essas questões.

### **DE COMO ILUMINAR TECENDO REDES**

Nilda Alves tem uma brincadeira a que sempre retorna, dando aulas ou em conversas informais. Falando de si mesma, ela brinca, se autodenominando “a luz que nos ilumina”. Como e onde este epíteto jocoso surgiu, eu não sei. Talvez vindo de um aluno mais espirituoso, ou ela mesma tenha inventado a piada, rindo de si mesma como vez ou outra faz. Mas a primeira questão que me veio, assim que Inês Barbosa de Oliveira me solicitou este texto foi que esta brincadeira traz uma metáfora interessante, que nos diz muito sobre Nilda, sobre o que ela significa para as pessoas que privam da sua convivência e que trabalham com ela. A graça da piada é quase óbvia: uma alusão ao lugar ocupado pela razão instrumental no pensamento moderno, a iluminação produzida por um conhecimento melhor, ou seja, tudo aquilo que ela critica de maneira contundente e do que discorda, é claro.

Piada não se explica, mas pensar a significação desta enunciação a partir de seu contexto parece interessante: como alguém que absolutamente não acredita que esta luz exista, auto-nomear-se ela. “A luz que ilumina” fica muito mais jocosa definindo alguém que tem como crença que o conhecimento se tece nas redes, nos muitos fios que nos unem uns aos outros; alguém que fez de sua vida a militância por essa forma de compreender o conhecimento, as relações, o mundo.

Mas toda piada traz qualquer coisa de verdade. E então, a iluminação de Nilda poderia talvez ficar por conta de duas características: primeiro por sua forma de afetar-se, de se deixar afetar pelo/com o mundo. Ela é movida por uma paixão monumental pelo conhecimento e pelo seu trabalho, e isso é impossível que não “contamine/ilumine” seus pares. Nilda é sempre “um tom acima”, inclusive nos afetos e nas generosidades.

Comecei este ensaio apoiada em uma representação de intelectual de Edward Said, perguntando-me a respeito de que tipo de intelectual seria Nilda Alves. Acho que agora, ao fim deste texto, encontrei algumas pistas que me permitem identificá-la como um tipo de intelectual que luta pelo que acredita, que deixa afetar-se pelo “outro”, que não somente sonha, mas que “organiza” o sonho. Uma intelectual que se não é consenso em relação à compreensão do que seja o

---

conhecimento e à sua perspectiva teórica, é referência de compromisso com aquilo que faz e com aqueles com quem trabalha.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. (Org.). *Formação de professores – pensar e fazer*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- \_\_\_\_\_. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa. *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas – magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FANON, Frantz. *Peles negras, máscaras brancas*. Salvador: Edufba, 2008.
- GYLROY, P. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Ucam, 2001.
- SAID, Edward W. *Representações do intelectual – as conferências de Reith de 1993*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

---

## **RESUMO**

O presente artigo consiste em uma homenagem acadêmica desenvolvida em forma de narrativa sobre aquilo que a autora aprendeu com uma amiga, trabalhando junto, nas/com as relações de respeito e admiração estabelecidas. A autora parte da representação de intelectual elaborada por Edward Said, para discorrer sobre as diversas faces de uma educadora comprometida com o pensar, com o fazer, com o cotidiano.

**Palavras-chave:** Representação do intelectual; Cotidianos; Formação e política; Afro-brasileiros e educação.

## **ABSTRACT**

The art of illumination through networks: a narrative about things we learn with a friend This paper is an academic tribute developed into a narrative about what the author learned from a friend, working together through a relationship of respect and admiration. The author opens with the representation of the intellectual prepared by Edward Said, moving on to discuss the many facets of an educator committed to thinking, to doing, to everyday life.

**Keywords:** Representation of the intellectual; Everyday; Training and politics; Afro-Brazilians and education.

*Recebido em: setembro de 2012*

*Aprovado em: outubro de 2012*